

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “RECEPÇÃO, LEITURAS E INFLUÊNCIAS DE HOMERO”

Gustavo J. D. Oliveira¹

Camila Aline Zanon²

Os poemas de Homero, talvez os mais longevos cânones da literatura ocidental, exercem ainda grande influência no contexto cultural do mundo contemporâneo. Acadêmicos, pensadores, escritores, cineastas e artistas de toda sorte buscam traçar diálogos com a *Ilíada* e a *Odisseia*, seja em manifestações culturais e intelectuais de projeção regional, seja naquelas de grande alcance mundial. Tais diálogos têm se estabelecido desde a Antiguidade, sendo retomados ao longo da História, como bem ilustra a passagem de Alexander Pope (2017: 392), publicada em um número deste mesmo periódico:

[...] vemos a clara imaginação de Homero brilhando na sua forma mais inspirada. Nós o reconhecemos como o pai da dicção poética, o primeiro que ensinou a “linguagem dos deuses” aos homens. Sua expressão é como a colorização de alguns grandes mestres, que se revela com pinceladas vigorosas e executadas com rapidez. É, de fato, a mais forte e reluzente que se possa imaginar e dotada do maior espírito. Aristóteles tinha razão em dizer que ele era o único poeta que encontrara “palavras vivas”: há nele mais figuras de linguagem e metáforas ousadas do que em qualquer outro bom autor que seja. Uma flecha fica “impaciente” para ser lançada, uma arma “tem sede” de beber o sangue do inimigo, e coisas semelhantes; ainda assim, sua expressão nunca é grande demais para o sentido, mas grande exatamente na mesma proporção. É o sentimento que infla e preenche a dicção, que se eleva com ela e se forma junto dela, pois na mesma medida em que um pensamento é mais ardente, uma expressão será mais resplandecente; conforme aquilo for mais forte, isso se tornará mais nítido, como vidro em fornalha, que aumenta em dimensão e se refina até uma transparência maior apenas conforme o sopro em seu interior é mais forte e o calor mais intenso.

¹ Professor Doutor - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: gustavojo@gmail.com

² Pós-doutoranda - Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: camila.zanon@gmail.com

Mais do que simplesmente influenciar artistas e escritores ao longo do tempo e de ser objeto de escrutínio por especialistas e pensadores, os poemas homéricos, seus temas, personagens e episódios, foram constantemente reimaginados. Trata-se de um fenômeno de apropriação e tradução dos poemas para novos públicos e audiências, releituras que propõem adaptações desses conteúdos para sensibilidades de outras temporalidades, um processo que se conhece como Recepção dos Clássicos.

Pode-se dizer que a recepção de Homero ocorre desde a própria Antiguidade nas interpretações de escritores, artistas e filósofos em diálogos intencionais ou fortuitos com a *Ilíada* e a *Odisseia* ao longo de uma tradição que, entre continuidades e rupturas, atravessa o tempo sempre a partir de características e interesses de cada temporalidade.

Na atualidade, isso não é diferente, conforme testemunham os debates apresentados neste dossiê, que exploram diálogos estabelecidos com Homero em obras literárias do Brasil, Portugal, Argentina e Canadá ao longo dos séculos XX e XXI.

Este dossiê tem início com a entrevista de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sobre as versões da *Ilíada* e da *Odisseia* para quadrinhos dirigida por ela e com arte de Piero Bagnariol. Realizada pelos organizadores do dossiê, a entrevista trata do processo que a professora Tereza Virgínia chama de “tradução para os quadrinhos” e das suas visões sobre o conceito de Recepção dos Clássicos.

Iniciando a sequência de artigos, Christian Werner, professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, examina o conto "Fatalidade" de João Guimarães Rosa a partir do paralelo estabelecido com o duelo entre Aquiles e Heitor na *Ilíada*.

Os três artigos que seguem tratam de recepções da figura de Penélope e o seu *kléos* em diferentes contextos literários. A contribuição de Maria de Fátima Silva, professora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, apresenta o tratamento de Penélope em dois poetas portugueses do século XX, Miguel Torga e Manuel Alegre. Graciela C. Zecchin de Fasano, professora da Universidad Nacional de La Plata, analisa as figuras de Penélope e Odisseu no conto "Las entretelas de Penélope" do escritor argentino Federico Peltzer. Concluindo a seção de artigos, Lorena Lopes da Costa, professora do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, examina o processo de recepção de Penélope na obra *A Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 8-10.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14803

Odisseia de Penélope da escritora canadense Margaret Atwood, publicada em 2005 sob o título em inglês *Penelopiad*.

Encerrando o dossiê, Juliana Caldeira Monzani, professora da Universidade Cidade de São Paulo, resenha o livro *Homero* de Barbara Graziosi, cuja tradução foi publicada em 2021 no Brasil.

Neste recorte de leituras recentes dos poemas de Homero, o leitor encontrará um testemunho de sua persistência e relevância em contextos literários diversos: a literatura sertanista brasileira, a poesia portuguesa produzida durante os anos da ditadura salazarista, a literatura argentina da década de 1970 e, por fim, a literatura feminista produzida em língua inglesa por uma autora canadense.

Concluimos esta apresentação do dossiê com votos de excelente leitura.